

Surdos e *Whatsapp*: uma análise da comunicação digital entre sujeitos bilíngues

Deaf and Whatsapp: an analysis of the digital communication among bilingual individuals

Tatiane Folchini dos, REIS (IFSC)¹
Ygor, CORRÊA (UCS)²
Jacques Lima, FERREIRA (UFPR)³

RESUMO

Este artigo analisa de que maneira um grupo de 23 sujeitos surdos bilíngues, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua e Língua Portuguesa (LP), como segunda língua, utiliza o aplicativo *Whatsapp*, enquanto recurso digital para trocar mensagens sobre dúvidas e dificuldades relativas à LP. Esta pesquisa apoia-se na literatura sobre Libras e seus dispositivos legais, assim como em sua interface com as tecnologias digitais. Dessa forma, esta é uma pesquisa qualitativa exploratória que analisou mensagens trocadas via *Whatsapp* pelos participantes surdos durante o período de um ano. A análise de dados com base na Análise de Conteúdo (AC) e o auxílio do *software* Atlas Ti permitiu identificar a emergência de dois principais códigos, a saber, Estratégias Linguísticas e Recursos do *Whatsapp*, cada um contendo três categorias. A pesquisa realizada evidenciou que o *Whatsapp* facilita e potencializa a comunicação digital entre surdos quanto à compreensão dos desafios linguísticos em LP.

Palavras-Chave: Surdos, Libras, Língua Portuguesa, *Whatsapp*

ABSTRACT

This paper analyzes how a group of 23 deaf bilingual subjects, users of Brazilian Sign Language (Libras), as first language and Portuguese Language (PL), as second language, uses the Whatsapp application as a digital resource to exchange messages about doubts and difficulties about the PL. This research is based on the literature on Libras and its legal devices, as well as its interface with the digital technologies. In this way, this is an exploratory qualitative research that analyzed the messages exchanged by Whatsapp by the deaf participants during the period of one year. The data analyzed based on Content Analysis (CA) and the with the support of Atlas Ti software enabled us to identify the emergence of two main codes, namely Whatsapp Language Strategies and Resources, each containing three categories. The research revealed that Whatsapp facilitates and enhances the digital communication among deaf people in the understanding of the PL linguistic challenges.

Keywords: Deaf, Libras, Portuguese Language, *Whatsapp*

¹ Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Palhoça Bilingue, Palhoça, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5565-4103>, tatiane.reis@ifsc.edu.br

² Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3526-9195>; correaygorprof@gmail.com

³ Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7239-2635>; drjacqueslima@gmail.com

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira um grupo de sujeitos surdos bilíngues, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua (L1), e Língua Portuguesa (LP), como segunda língua (L2), utiliza o aplicativo *Whatsapp*, enquanto recurso digital com a finalidade de trocar mensagens sobre dúvidas, curiosidades e dificuldades relacionadas ao sistema linguístico da LP na modalidade escrita. O mote para a condução desta pesquisa está apoiado na inferência de Karnopp (2015, p. 169), na medida em que a autora afirma que “uma das maiores contribuições que linguistas e educadores de surdos podem prestar hoje é varrer a ilusão da “deficiência verbal” e oferecer uma noção mais adequada das relações entre a LP e a língua de sinais”. Nesse horizonte, conquanto na literatura sobre Libras têm-se poucos estudos (POWER, POWER, HORSTMANSHOF, 2006), principalmente sobre como a expansão do uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tem se consolidado na vida social dos surdos. Assim sendo, infere-se que a presente pesquisa pode contribuir evidenciando possíveis potencialidades associadas ao aplicativo *Whatsapp*, do ponto de vista tecnológico e linguístico. Diante desse cenário, esta pesquisa apoia-se na literatura sobre Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2017; LODI; MÉLO; FERNANDES, 2015), dispositivos legais da Libras (BRASIL, 2002; 2005; 2019), Libras e sua interface com as tecnologias digitais (CORRÊA; CRUZ, 2019) e dialoga com as postulações de pesquisadores surdos (GOETTERT, 2019; CLAUDIO, 2019;) sobre o impacto das TDIC na constituição social e linguística dos surdos.

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória de natureza descritiva e interpretativa (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), que apresenta um recorte de uma pesquisa base sobre o uso de TDIC por surdos, usuários de Libras, com a finalidade de estabelecer contato com a LP (L2), sendo que essa constitui a condição bilíngue dos participantes deste estudo. Para a condução da referida pesquisa foi criado em 2017 um grupo no aplicativo *Whatsapp*, que serviu como recurso tecnológico para troca de mensagens entre 23 participantes surdos sobre questões relacionadas à LP na modalidade escrita. Para além do espaço para troca de mensagens, o recurso digital em questão serviu como instrumento de coleta de dados para compor o *corpus* de pesquisa. O grupo de surdos usuários do aplicativo foi investigado durante o período de um ano. As mensagens instantâneas trocadas pelos participantes foram, automaticamente, registradas, via aplicativo de mensagens, e totalizaram 6.014 mensagens, contendo mensagens sobre os recursos do aplicativo *Whatsapp* e relacionadas a dificuldades de compreensão do sistema linguístico da LP, como L2, oriundas de conteúdos e interações com outros sujeitos, surdos e ouvintes, no cotidiano dos participantes surdos.

Do ponto de vista metodológico, as mensagens registradas foram submetidas à técnica de Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva de Bardin (2011) com o auxílio do *software* Atlas Ti. Este artigo está

dividido em 1. Introdução, 2. Bilinguismo para Surdos: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 3. Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais: *Whatsapp*, 4. Metodologia, 5. Análise de Dados, Considerações Finais e Referências. Na próxima seção, aborda-se o conceito de bilinguismo.

2. Bilinguismo para surdos: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa

No corrente ano, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) comemora seus 17 anos e tem seu reconhecimento fortalecido (BRASIL, 2019) enquanto língua oficial da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2002; 2005). A língua de sinais permitiu a formação de uma base linguística que viabiliza o desenvolvimento do indivíduo surdo como um todo e configura-se como um sistema linguístico de natureza visual-motora, dotado de gramática própria (QUADROS; KARNOPP, 2004). O decreto Nº 9.465 de 2019 reforça a implementação de políticas de Educação Bilíngue, o qual reitera a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa escrita, como segunda língua da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2019). Além de fomentar a criação de escolas bilíngues de surdos, em todos os níveis de ensino, o referido decreto prevê “implementar ações de apoio didático bilíngue e promover a transversalidade da Educação Bilíngue, visando a assegurar o pleno desenvolvimento linguístico-cognitivo e a aprendizagem dos estudantes surdos” (BRASIL, 2019, p. 19). Do ponto de vista linguístico, o conceito de bilinguismo pode ser compreendido como a habilidade de usar duas línguas, em diferentes graus de competência, podendo o sujeito ter desempenhos diferentes nestas línguas, em função do contexto de uso e do propósito comunicativo (MÜLLER, 2016; QUADROS, 2017).

Entender o bilinguismo para surdos implica em compreender que não se trata somente do uso de duas línguas em modalidades distintas; mas, também considerar concretamente os contextos nos quais as duas línguas coexistem e a relação com as práticas de letramento que estruturam e constituem esse ambiente bilíngue. O letramento é “entendido como um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita e as exigências do uso desta língua” (GIORDANI, 2015, p. 149). Sendo assim, a linguagem assume papel central na constituição do sujeito, pois é pela linguagem que as categorias conceituais são construídas. Conforme Tartuci (2015, p. 52), “é nos processos dialógicos, nas interações verbais e nas relações com os outros que o ser humano se faz sujeito”. E a língua, como sistema de signos, possibilita essa interação entre os sujeitos. Conforme Quadros (1998), as línguas que fazem parte da vida dos surdos na sociedade apresentam papéis e representações diferenciadas, caracterizando uma forma bilíngue de ser, o que pode ser apontado como um processo simbólico de negociação política. A questão da “língua implica reconhecimento do *status* da língua nos níveis linguístico, cultural, social e político” (QUADROS, 2015, p.195) e por isso é tão relevante o bilinguismo para surdos, pelo fato de que sua L1 é a língua de sinais, enquanto a L2 é a língua portuguesa.

Em outros termos, o principal marcador da cultura surda é a língua de sinais, embora o aspecto visual da escrita também permita a inserção dos surdos no universo linguístico dos ouvintes, na medida em que aprendem a escrita como segunda língua. Uma vez que a língua portuguesa não é a L1 dos surdos, estes enfrentam o desafio de compreender a estrutura e o funcionamento da LP que, de acordo com Karnopp (2015, p. 153), “inclui a leitura, a análise e a produção textual” enquanto “tarefas árduas aos surdos em sua vida acadêmica e profissional”. Grande parte dos surdos não consegue atribuir sentido às suas leituras, isso ocorre pela falta de conhecimento tanto em relação à limitação lexical quanto às estruturas sintáticas (PEREIRA; KARNOPP, 2003), exigindo deles um grau elevado de abstração, o que torna a leitura uma tarefa nada fácil. Para Quadros (2015, p.196), “as formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes”, ou seja, elas são de ordem visual e por isso “têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes”. Dessa forma, a LP tem uma representação social diferenciada para os surdos, o que fortalece o bilinguismo e “possibilita um equilíbrio nas relações de poder e de possibilidades de negociação” (QUADROS, 2015, p.194). Há por parte dos surdos o desejo de compreensão do sistema linguístico da L2, apesar de que em suas produções escritas, muitas vezes, há a alternância das duas línguas envolvidas. Nas análises deste artigo, os surdos participantes da pesquisa revelam alguns dos desafios em suas produções escritas, como a importância do conhecimento lexical e da estrutura morfossintática e, assim, buscam a compreensão em LP e neste processo vão, possivelmente, perdendo o receio da escrita e fortalecendo sua confiança. Conforme Karnopp (2015, p.169), “o indivíduo busca encontrar uma identidade como leitor e escritor em que ele se sinta confiante e confortável com a mesma”, aspecto este que pode emergir da análise proposta neste artigo.

Na perspectiva teórica deste estudo, infere-se, de acordo com as postulações de Karnopp (2015, p.168) que quanto mais se usa a língua, mais se desenvolve “o sentimento de pertencer à cultura e à comunidade de acolhida”, inferência que aqui cabe para as duas línguas envolvidas, Libras e LP. Sob o mesmo viés, Lodi, Bortolotti e Cavalmoretì (2014, p. 134), ao problematizarem o modo como a língua portuguesa tem sido imposta nos processos educacionais de surdos, as autoras assinalam que a LP escrita “precisa ser vivenciada em sua forma viva, ser posta em diálogo com a L1 dos aprendizes em sua dinâmica dialógica e interdiscursiva”. Em consonância com o que foi apontado, Lebedeff afirma que (2017, p.230-231) “nada mais justo do que pensar a educação de surdos a partir de suas especificidades linguísticas, culturais e de interação e compreensão do mundo”. De acordo com Tanzi Neto (2018, p.2), a leitura e escrita enquanto processos mediados pelas novas tecnologias têm, atualmente, se tornado ainda mais complexas e na medida em que as práticas situacionais ocorrem no *Whatsapp*, impulsionam novas interações linguísticas “associadas a esses espaços sociais de interação que mudam, se alteram e se transformam, de modo que novas formas de ler e escrever colaboram para novas formas de entender o

mundo”. Na próxima seção, apresenta-se uma breve compreensão sobre a relação da Libras com as tecnologias digitais contemporâneas, mais especificamente, em relação ao aplicativo de trocas de mensagens instantâneas *Whatsapp*.

3. Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais: *Whatsapp*

Esta seção trata da adesão por tecnologias digitais no cenário contemporâneo e sua interface com a Libras e os usuários surdos (CORRÊA; CRUZ, 2019), assim como apresenta o aplicativo *Whatsapp*, enquanto recurso tecnológico adotado nesta pesquisa. No que se refere à adesão por recursos tecnológicos contemporâneos no cenário voltado à surdez, Corrêa e Cruz (2019) reuniram na obra *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais* pesquisas que evidenciam que as tecnologias digitais têm contribuído expressivamente para o desenvolvimento linguístico, sociocultural e político dos surdos.

Corrêa e Cruz (2019) em parceria com outros pesquisadores, como pode ser visto na obra mencionada, abordam temas como a) a documentação das línguas de sinais (preservação); b) o uso de redes sociais, para fins comunicacionais (Libras e Língua Portuguesa); c) o desenvolvimento de diretrizes de projetos de recursos educacionais digitais; d) a construção de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) acessíveis ao público surdo; e) o design de recursos digitais para leitura em Libras e f) o estudo da qualidade da tradução de língua portuguesa para Libras realizada por aplicativos de tradução automática com o uso de agentes animados tridimensionais. Nesse cenário, referindo-se aos benefícios da revolução tecnológica causada pelas tecnologias digitais, Quadros (2019, p. 2), cita o uso destas tecnologias na pesquisa científica com a Libras, enquanto benefício, afirmando que o impacto desta situação, “ainda não foi devidamente avaliado, mas nós, pesquisadores, percebemos os seus efeitos no dia a dia da produção de pesquisas”. Saito e Pivetta (2019, p.80), por sua vez, postulam que as tecnologias digitais exercem o papel de amplificadoras das redes de relações entre indivíduos surdos, passando a gerar espaços digitais para a “divulgação de experiências e compartilhamento de conhecimentos, bem como disponibilizando ferramentas específicas para os objetivos da comunidade”.

No que concerne à comunidade surda, Goetttert (2019) infere que, tendo em vista o desenvolvimento e a ampliação do acesso às novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), torna-se imperativo analisar o impacto delas, especificamente, na comunicação dos sujeitos surdos, como é o caso do aplicativo *Whatsapp* nesta pesquisa. De acordo com Goetttert (2019, p. 125), “as tecnologias digitais colaboram para a comunicação dos surdos, principalmente, no acesso a informações e conhecimento da língua escrita; entretanto, destaca-se a busca por informações visuais e de valorização e vitalidade da língua de sinais no uso das tecnologias”. Goetttert (2019, p. 127) ainda ressalta, que, em se tratando da língua portuguesa, “a busca pela escrita correta tem ocorrido dentro dos grupos de usuários

surdos do *Facebook* e *Whatsapp*, porém as dificuldades em dominar duas línguas com estruturas gramaticais diferentes sintetizam um desafio aos usuários”. As afirmações de Goettert (2019) enfatizam que a chegada da internet desencadeou uma demanda de aprimoramento dos conhecimentos em língua portuguesa para fins comunicacionais mediados por recursos digitais que nem sempre contemplam o caráter visuoespacial da Libras. A adesão pela comunidade surda pelas TDIC, segundo Goettert (2019), despertou o interesse de empresas desenvolvedoras de aplicativos para dispositivos móveis do tipo *smartphones* e *tablets*, também usados, cotidianamente, pelos surdos. Sob a mesma perspectiva assumida nesta pesquisa, Goettert (2019, p. 133) salienta que o uso de tecnologias digitais por surdos, como no caso de *chats*, desafia-os a “aprender a língua portuguesa como L2” e mesmo diante desta demanda, “há a preferência pela comunicação em vídeo, a partir da qual podem expressar-se livremente”. Isso porque os vídeos permitem o contato visual, abarcando a constituição visuoespacial da Libras, enquanto L1. O autor, citando o contexto contemporâneo de conectividade com a internet, reforça que o “aplicativo *Whatsapp* tem facilitado o envio de mensagens de texto e vídeo” (GOETTERT, 2019, p. 133).

Em relação ao aplicativo *Whatsapp*, inicialmente, é possível afirmar que se trata de um recurso digital gratuito, multiplataforma e conectado à internet para troca ilimitada de mensagens instantâneas (OLIVEIRA, 2007). O aplicativo permite a troca de mensagens em diferentes formatos e mídias, a saber, texto (mensagem escrita e arquivos/documentos), vídeo, áudio, imagens (fotos e animações) e *emojis*. Não obstante, o *Whatsapp*, que pode ser usado na versão para *smartphones*, *tablets* ou versão *Web* (computadores e *notebooks*), permite realizar chamadas gratuitas de voz e vídeo, exigindo apenas conexão com a internet, via *Wifi* ou 4G. Esse recurso digital ainda permite a criação de grupos (até 100 membros) para a troca de informações, além de possibilitar o compartilhamento da localização do GPS⁴ em tempo real e os contatos da agenda pessoal do usuário. O aplicativo está disponível nas lojas digitais de *smartphones* e *tablets* para sistemas operacionais do tipo *Android*, *BlackBerry OS*, *iOS*, *Symbian*, *Windows Phone* e *Nokia*. De acordo com Saboia, Vargas e Viva (2013), o *Whatsapp* tem provocado mudanças expressivas nos hábitos e nas relações humanas, no que se refere às noções de tempo e de espaço, de forma que propicia maior interação entre pares e grupos com interesses comunicacionais afins. Ainda segundo Saboia, Vargas e Viva (2013, p. 4), isso se dá pelo fato de que “[...] há uma natural evolução social em que as gerações anteriores tem se apropriado cada vez mais destas tecnologias”, o que acaba por impactar, culturalmente, nossas ações, interações e vocabulário, aspecto que deixa evidente a direta influência sofrida por parte da sociedade digital atual.

Diferentes pesquisas sobre o *Whatsapp* em contextos e com públicos distintos têm apontado aspectos positivos para seu uso em cenários formais de ensino e aprendizagem, bem como para fins

⁴ Do inglês *General Position System*, em Língua Portuguesa Sistema de Posicionamento Geral

culturais/sociais/comunicacionais. Relativo ao *Whatsapp* em contexto formais de ensino e aprendizagem Nagamini (2017) revelou aproximações padrões entre a escrita e a oralidade de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental; Araújo e Bottentuit Junior (2015) investigaram sobre o ensino de Filosofia no Ensino Médio e identificaram a versatilidade do aplicativo como potencializador das interações entre alunos fora e dentro da sala de aula, acerca do conteúdo de aula, além de ser um recurso atrativo. Já no Ensino Superior, Alencar *et al* (2015) pesquisaram como o aplicativo pode atuar enquanto ferramenta de apoio ao ensino (alunos e professores) e constataram que esse pode ser relevante no desenvolvimento da ação docente durante o processo de ensino e aprendizagem. Paiva, Ferreira e Corlett (2016) investigaram como o *Whatsapp* pode ser compreendido como ferramenta para comunicação didática e pedagógica e evidenciaram que ele pode melhorar o aproveitamento do conhecimento transmitido aos alunos via interação com o professor. Em relação aos contextos de práticas sociais, Souza, Araujo e Paula (2015) realizaram uma análise das interações sociais a partir do *Whatsapp* e identificaram contribuições em relação às funções do aplicativo para interações sociais e na cultura do usuário. Boltrini (2017) apresentou uma investigação sobre as potencialidades do aplicativo *Whatsapp* para a comunicação de um grupo de surdos em espaços informais de aprendizagem, tendo sido possível identificar que o aplicativo potencializa a interação e a aprendizagem entre os surdos e os ouvintes, haja vista as línguas envolvidas nas interações (Libras e Língua Portuguesa). Diante das pesquisas, brevemente citadas, é possível inferir que as diferentes formas de estabelecer uma comunicação/interação (texto, áudio (gravado), imagem, vídeo (gravado), chamada de voz, chamada de vídeo) via *Whatsapp* tendem a potencializar interações sociais formais e informais em diferentes contextos, de forma a permitir a socialização e o desenvolvimento cultural dos sujeitos, surdos ou ouvintes, que utilizam o aplicativo. Frente a isso, esta pesquisa investiga a efetiva contribuição do aplicativo *Whatsapp* para a comunicação digital entre surdos para fins de compreensão da LP na modalidade escrita. Na próxima seção, apresenta-se a metodologia de pesquisa.

4. Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória de natureza descritiva e interpretativa (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), que apresenta um recorte de uma pesquisa base, realizada em uma universidade privada do Rio Grande do Sul, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob a CAAE 90824518.0.0000.5349. Com a finalidade de conduzir esta investigação, foi criado em junho de 2017 um grupo fechado no aplicativo *Whatsapp*, aqui utilizado como recurso tecnológico para troca de mensagens e instrumento de coleta dados para compor o *corpus* analisado neste estudo. O grupo foi constituído por 23 participantes (10 homens e 13 mulheres). Os participantes surdos da pesquisa estavam na faixa etária

entre 16 e 30 anos. O grupo de *Whatsapp* foi observado durante o período de um ano, e as mensagens instantâneas trocadas durante esse período contabilizaram um total de 6.014. Essas trocas de mensagens continham manifestações sobre os recursos do aplicativo *Whatsapp* e sobre dúvidas relativas a dificuldades linguísticas de compreensão da LP escrita, como L2, oriundas de conteúdos e interações com outros sujeitos no cotidiano dos participantes surdos. Cabe ressaltar que o uso do *Whatsapp*, nesta pesquisa, não visava a uma estratégia de ensino e aprendizagem com abordagem didático-pedagógica, mas à oferta de um espaço digital para tomadas de consciência linguística e cultural *em e sobre* (grifos nossos) a LP na modalidade escrita.

Os participantes da pesquisa foram convidados por terem participado de disciplinas de ensino de Língua Portuguesa como L2, outrora ministradas por um dos autores deste artigo e que também participou do grupo no *Whatsapp*. Os participantes surdos possuíam formação em nível de ensino médio, em andamento e concluído, assim como em ensino superior, em andamento ou em fase de conclusão. A participação dos surdos no grupo de *Whatsapp* foi voluntária. Como mencionado, um dos investigadores deste artigo atuou como mediador das trocas de mensagens, com vistas a fomentar possíveis discussões sobre dúvidas e inquietações postadas pelos participantes. No entanto, cabe salientar, que o pesquisador teve uma participação passiva no grupo, ou seja, apenas auxiliava em questões técnicas de ingresso no grupo como administrador e em eventuais dúvidas não solucionadas pelos membros. As mensagens trocadas (texto, imagem e vídeo) pelo grupo no *Whatsapp* foram copiadas da interface do aplicativo e arquivadas como documentos digitais (arquivos) no formato *Word*. Conquanto, o período de constituição do *corpus* de pesquisa deu-se durante 12 meses, cada arquivo no formato *Word* foi salvo com o nome de seu respectivo mês, de modo que foram gerados 12 arquivos, identificados por mês e ano. Convém ressaltar que o conteúdo das mensagens foi mantido na íntegra quanto à sua forma e conteúdo, sem quaisquer correções ortográficas, sintáticas ou semânticas. A ocorrência de estruturas sintáticas, nas mensagens trocadas pelos surdos no grupo de *Whatsapp*, distintas à ordenação básica Sujeito-Verbo-Objeto (S+V+O) em língua portuguesa, se deve ao fato de que em Libras as ordenações podem ser compostas por Sujeito-Objeto-Verbo (S+O+V) ou Objeto-Sujeito-Verbo (O+S+V), diferença esta que pode influenciar a escrita dos surdos em LP (L2), como será visto na seção de análise de dados.

De modo a iniciar o processo de análise de dados, realizou-se uma leitura atenta dos 12 arquivos em formato *Word*, que continham as mensagens trocadas entre os surdos e que foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva de Bardin (2011) e com o auxílio do *software* Atlas Ti⁵. A técnica de Análise de Conteúdo (AC) é utilizada em diferentes pesquisas de abordagem qualitativa

⁵ O *software* Atlas Ti foi adquirido na versão Mac para a análise qualitativa dos dados textuais.

de diversas áreas do conhecimento. Essa técnica pode ser realizada em materiais em forma de textos, imagens, gravações, entre outros. Bardin (2011, p. 37) esclarece que a AC “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” com “[...] uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto”. A AC pode ser realizada de diferentes formas. Não existe uma técnica pré-determinada, posto que o pesquisador pode aplicar a técnica a partir da sua percepção para o fenômeno investigado. Metodologicamente, o presente estudo apoia-se nas três fases propostas pela AC, a saber: (a) pré-análise, (b) exploração do material e (c) tratamento dos resultados, descritas por Bardin (2011). A pré-análise é o momento em que o investigador conduz uma leitura detalhada dos materiais que fazem parte do *corpus* de análise. A leitura “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126). Na pré-análise, o pesquisador precisa organizar seus dados coletados, preparar o material que será analisado para que ele possa sistematizar “as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao computador” (BARDIN, 2011, p. 125).

A fase de exploração do material compreende como “a fase de análise propriamente dita, não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas por computador” (BARDIN, 2011, p. 131). Nessa etapa, a autora enfatiza que ocorrem duas ações com os dados, a codificação e a categorização. A codificação corresponde à organização sistemática dos dados em forma de códigos para posteriormente categorizar. Na codificação, o pesquisador cria códigos para agrupar os dados para atingir uma representação semântica. Os códigos representam um sistema de símbolos que permite identificar a representação de uma informação. Já a categorização possibilita que os códigos sejam agrupados para consolidar um significado. De acordo com Bardin (2011, p. 147), a categorização consiste em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamentos segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos”.

Por fim, a fase de tratamento dos resultados é aquela em que “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” e o pesquisador, “tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previsto ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2011, p. 131). A escolha pelo *software* Atlas Ti se deve ao fato de que essa ferramenta possui funções que auxiliam no gerenciamento, na sistematização e na organização dos dados, além de possibilitar a identificação de dados complexos e correlatos na totalidade dos dados analisados. Lage (2011, p. 208) infere que a

utilização de *softwares* para análise de dados, a partir da seguinte perspectiva, “estas ferramentas computacionais tendem a ser especialmente úteis quando se tem uma pesquisa qualitativa com volume de dados significativo ou quando é necessário cruzar informações a partir dos atributos dos sujeitos”. Os pesquisadores realizaram a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) com o auxílio do *software* Atlas Ti em 05 etapas que serão descritas a seguir.

Fase 1 - Preparação dos dados para análise: os 12 arquivos em formato *Word*, que apresentavam as mensagens trocadas entre os surdos no grupo do *Whatsapp* foram salvos em formato PDF e inseridos no *software* Atlas Ti. Para fins de identificação dos participantes, os 23 participantes receberam a letra P como código para Participante, seguido de um número, que corresponde à identidade do participante, de 1 a 23, resultando, por exemplo, em Participante (P) e identificação (1), ou seja, P1. A identificação para Pesquisador(es) foi adotada como (PESQ.). Para além disso, se utilizou Mês (Jan; Fev; Mar; Abr; Mai; Jun; Jul; Ago; Set; Out; Nov; Dez) e o Ano (2017; 2018), gerando, respectivamente, a seguinte identificação, P1FEV2017. A identificação de todos os participantes foi registrada em uma planilha de *Excel* para fins de controle da quantidade de participantes e suas mensagens.

Fase 2 - Exploração do material: os 12 documentos em formato *Word*, contendo as mensagens trocadas entre os participantes surdos foram selecionadas pelos pesquisadores com o uso do *software* Atlas Ti, com o objetivo de auxiliar no processo de codificação.

Fase 3 - Codificação: nessa fase foram criados códigos para operacionalizar o processo de categorização das mensagens trocadas pelos surdos. Os pesquisadores efetuaram uma leitura crítica das mensagens, já organizadas uma a uma na sequência em que foram enviadas, de modo a criar códigos que representam o sentido semântico do fragmento textual apresentado na mensagem. Na medida em que as mensagens eram lidas pelos pesquisadores, foram sendo criados códigos. Para tanto, nesta pesquisa foram criados 127 códigos, entre eles: 01) Estratégias Linguísticas; 02) Recursos do *Whatsapp*; 03) Redes Sociais (*Facebook, Instagram, etc*); 04) Leitura de Livros; e 05) Dispositivos Móveis (*Smartphones e Tablets*).

Fase 4 - Categorização: essa etapa tem o objetivo de unir os códigos, ou seja, a formação de conjuntos de códigos que apresentam incidência e semelhança semântica. Essa ação permite agrupar dados e consolidar um significado para tais informações que estão em forma de um código. Depois que todas as mensagens foram codificadas e categorizadas se visualizou no *software* Atlas Ti os códigos que tiveram maior incidência e semelhança diante das mensagens analisadas.

Fase 5 - Análise de Conteúdo: os códigos com maior incidência e semelhança foram submetidos a quatro procedimentos sendo eles os seguintes: a) leitura detalhada dos resultados encontrados nas mensagens; b) análise reflexiva, por parte dos pesquisadores; c) identificação e criação dos grupos de

categorias de convergência, para fins de consolidação de um significado; e d) criação de categorias de significados. As categorias emergentes se constituíram como indicadores que possibilitaram que os pesquisadores pudessem identificar as mensagens que apresentaram maior incidência e semelhança semântica nos códigos criados. Metodologicamente, se optou por contabilizar cada mensagem registrada como uma incidência. Na próxima seção, apresenta-se a seção de análise de dados.

5. Análise de Dados

Diante da proposta metodológica desta pesquisa, pautada na Análise de Conteúdo (AC) com o auxílio do *software* Atlas Ti, foram analisados somente os dois códigos que apresentaram maior incidência em relação aos dados analisados, a saber, a) Estratégias Linguísticas (EL) com 2594 mensagens e b) Recursos do *Whatsapp* (RW) com 507 mensagens. No que tange ao código Estratégias Linguísticas (EL), foram identificadas 3 categorias, sendo essas: 1) Ampliação do Léxico (AL) com 930 incidências; 2) Estrutura Morfossintática (EM) com 1350 incidências; e 3) Variação Linguística (VL) com 314 incidências. Já quanto ao código Recursos *Whatsapp* (RW), foram constatadas 03 categorias, a saber: 1) Texto Escrito em Língua Portuguesa (TELP) com 25 incidências; 2) Vídeos Sinalizados em Libras (VSLB) com 72 incidências e 3) *EMOJIS* (E) com 410 incidências. A fim de ilustrar as respectivas categorias, a seguir, são apresentados 03 quadros sobre o código Estratégias Linguísticas (EL) com 2594 mensagens em sua totalidade, ou seja, o de maior incidência no *corpus* nesta pesquisa. Os quadros são compostos por três excertos ilustrativos da categoria, identificando os participantes envolvidos, bem como mês e ano e as conversas trocadas. A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com os excertos referentes ao código Estratégias Linguísticas (EL) na categoria Ampliação do Léxico (AL).

Quadro 1: Código de maior incidência no *corpus* da pesquisa

Código - Estratégias Linguísticas (EL)	Quant. de incidência do código: 930
Categoria - Ampliação do Léxico (AL)	Mês/Ano/Conversa
<p>P1: O que é iludir??</p> <p>P2: Acho é enganar ou mentira q não é vdd</p> <p>P1: Faz q outras pessoas acreditam q não é vdd</p> <p>P2: Sabe?</p> <p>P1: Já me iludir demais com você</p>	JUN/2017/Conversa 1
<p>P7: o quê é independente</p> <p>P7: ??</p> <p>P3: Igual livre</p> <p>P3: Quando vc casar com alguém ai vc vai ficar independente a família</p> <p>P3: Vai morar com marido</p> <p>P3: Exemplo vc ta morando com família quando um dia casar com marido ai ja vai ficar independente</p> <p>P3: Igual livre</p>	AGO/2017/Conversa 2

<p>P7: o que é impedir?? não é igual "pedir"?? P2: Igual parar P3: Não pedir P3: Impedir= não pedir P2: Acabar parar P2: Não é P7: entendi!! P3: Entendi P7: como frases??? impedir? P16: Impedir = não pedir P16: Ninguém pode impedir</p>	<p>AGO/2017/Conversa 3</p>
---	----------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* da pesquisa

Questões sobre conhecimento lexical foram constantes entre os surdos nesta pesquisa, uma vez que elas revelam a preocupação dos participantes em ampliarem seu vocabulário em LP escrita para as suas produções linguísticas em L2 e para a compreensão de suas leituras de diferentes gêneros textuais nos mais variados contextos interacionais. Esse interesse pelas unidades lexicais, tendo em vista que elas compõem o léxico (FERRAZ, 2008) da LP enquanto “conjunto de todas as palavras de uma língua” (CORREIA, 2011, p. 227) mostra-se pontual nos excertos nesta pesquisa analisados. Fica evidente que os surdos participantes da pesquisa desejam conhecer o maior número de palavras da L2, trazendo suas dúvidas quanto ao significado dessas palavras, como também quanto ao uso delas de forma contextualizada. Porém, cabe considerar, que “o surdo lê uma palavra escrita em português e atribui-lhe sentido pela língua de sinais” e “a memória visual da palavra pode ser depois evocada no momento da produção escrita” (SANTANA, 2007, p. 195-196). Nesse sentido, para os surdos, as práticas bilíngues de leitura e escrita, mesmo que em um aplicativo como o *Whatsapp*, exigem um árduo trabalho e quanto mais conhecimento lexical, maior será sua compreensão da LP escrita. Além disso, os surdos que têm maior conhecimento do léxico em LP são mais valorizados por outros surdos (KARNOPP, 2015). Para a apropriação lexical da LP escrita os surdos utilizam estratégias como o uso de sinônimos, de comparações e de exemplificações contextualizadas, como verifica-se no Quadro 1.

No código EL, os significados das palavras questionadas são construídos por meio de uma explicação oferecida por um ou mais participantes e as palavras são, normalmente, exemplificadas e contextualizadas para que o entendimento seja efetivado. Nas conversas 1 e 2, os participantes explicam o significado semântico das palavras, usando a estrutura da L1 e assim os termos desconhecidos passam a ser registrados pelos participantes. Goettert (2019) diz que a troca de informações entre seus pares, no caso, os próprios surdos, ou entre ouvintes fluentes em Libras, pode qualificar a compreensão das informações, de maneira a promover a construção de conhecimento. Já na conversa 3, o participante P7 solicita exemplos de frases para a compreensão do uso da palavra questionada por ele aos demais participantes, o que fez com que P16 escrevesse exemplos contextualizados para que haja o real

entendimento do significado da palavra “impedir” e para internalização de tal significado. Os surdos na prática da L2, dentro do grupo de *Whatsapp*, parecem tomar consciência do uso de determinadas palavras e se familiarizam com novos vocábulos na interação discursiva em L2. Por fim, a partir de experiências concretas no aplicativo, enquanto contexto digital de interlocução escrito, os participantes surdos viabilizam a produção de significações e o desenvolvimento linguístico em LP.

No que se refere aos excertos de conversas apresentadas no código Estratégias Linguísticas (EL) na categoria Estrutura Morfossintática (EM), o Quadro 2, apresenta os excertos utilizados na composição da categoria.

Quadro 2: Excertos categorizados como EM

Código - Estratégias Linguísticas (EL)	Quant. de incidência do código: 1350
Categoria - Estrutura Morfossintática (EM)	Mês/Ano/Conversa
<p>P11: Minha família quer conhecer com você?? certo? P10: Minha família quer te conhecer P11: Porque te = já tem significa você P10: Então é a frase minha família quer te conhecer P11: ah entendi</p>	AGO/2017/Conversa 1
<p>P1: Mês de agosto quer eu te ajudo 25,00 reais por mês?? P1: Certo ?? P10: Quer que eu ajude ** P1: Obg P1: Ajude será?? P10: Entre no Google sobre QUER QUE EU VÁ. Quer que eu faz. Quer que eu compre. Etc... sobre quer que eu*** P1: Não sabia P1: Quer que eu compre??? P1: Certo? P10: Isso</p>	JUL/2017/Conversa 2
<p>P14: Eu já estou sentado no ônibus. Eu estou levante em pé no ônibus. P14: Assim certo. Mas sobre pé acho que pouco errado alguma frase P1: Eu estou levantando*** P1: Estou levante não existe P14: 😊 P14: Ok P14: Qnd eu sentado depois levantando ok. Mas já estou pé P14: Eu estou pé no ônibus. Assim frase? 😊</p>	MAR/2018/Conversa 3

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* da pesquisa

No Quadro 2, observam-se os aspectos relacionados à estrutura morfossintática dos enunciados em LP escrita. A agilidade na comunicação, proporcionada pelo aplicativo *Whatsapp*, fez com que a maioria dos surdos se interessassem em aprofundar seus conhecimentos em LP escrita. Sendo assim,

alguns participantes da pesquisa demonstraram ter uma consciência da estrutura sintática da LP, mais especificamente, dos processos formais relativos à organização das palavras para a produção e compreensão de seus enunciados. Nessa interação de mensagens escritas, os participantes vão construindo suas hipóteses sobre a estrutura morfossintática da LP em diferentes contextos de enunciação.

Nas conversas 1, 2 e 3, os participantes escrevem frases e questionam sobre a sua tentativa de escrever na estrutura sintática da LP da forma padrão da língua. Alguns membros do grupo se posicionam valendo-se do julgamento da agramaticalidade das frases e colaboram para a explicação deste, por meio de exemplos em enunciados que comportam a estrutura sintática em questão.

Na conversa 1, o participante P11 lança o enunciado “*Minhas família querer conhecer com você*”, sem se preocupar com a concordância nominal e verbal ou com o emprego inadequado de determinadas palavras. Então, P10 reescreveu a sentença na estrutura da L2 para mostrar a concordância e após o próprio P11 explicar o porquê do uso do pronome te, com vistas a confirmar o entendimento da correção feita pelo P10. Na conversa 2, a questão é semelhante à anterior e, geralmente, são sentenças simples que os surdos querem utilizar na comunicação digital via *Whatsapp*. Nessas interações, os participantes surdos demonstram um certo nível de consciência morfossintática, gerando novas possibilidades de utilização da escrita e assim sucessivamente. Conforme Correa (2005, p. 97), “a consciência morfossintática supõe, como habilidade metacognitiva, tanto a reflexão consciente sobre os aspectos sintáticos e morfológicos como sua manipulação intencional”. Na conversa 3, os participantes interagem em relação ao uso do modo verbal adequado, P14 lança a frase sobre uma situação que quer escrever adequadamente em LP. Nesse sentido, o P1 coloca o uso que ele considera correto na estrutura da L2. Apesar do esforço do P1, a dúvida não é esclarecida completamente. No que se refere aos excertos de mensagens apresentadas no Código Estratégias Linguísticas (EL) na categoria Variação Linguística (VL), o Quadro 3, apresenta os excertos utilizados na composição da categoria.

Quadro 3: Excertos categorizados como VL

Código - Estratégias Linguísticas (EL)	Quant. de incidência do código: 314
Categoria - Variação Linguística (VL)	Mês/Ano/Conversa
<p>P13: Mas, vc tah certo. qse mesma coisa P1: Não existe a palavra tah 😊😊 P13: 🙋🙋 Ok... Troco... *Está*... Melhorou P1: Hahahaha P13: 😊 P3: Gíria</p>	AGO/2017/Conversa 1
<p>P7: Alguém me explica NÃO " dou bola" pra vc?</p>	SET/2017/ Conversa 2

<p>P7: me explica!! n entendi mesmo P16: NÃO dou bola = não dou atenção. Dou bola = dou atenção</p>	
<p>P2: Que é sora P13: Professora P12: Eu ia falar kkk PESQ: ☺ P2: ☹ P2: É gíria? P13: Mais ou menos... Talvez q sim P13: Percebem... Professora. Profes - "sora" P13: Na real eh pra falar tipo de preguiça P13: Sora fica mais fácil chamar rápido P13: Escrever ou falar eh errado</p>	<p>NOV/2017/ Conversa 3</p>

Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus da pesquisa

Questões específicas sobre variação linguística em LP escrita são recorrentes nas interações do grupo de surdos, aqui pesquisados enquanto usuários do aplicativo *Whatsapp*, para fins de compreensão linguística da LP escrita como L2. Os surdos, aqui analisados, colocam em prática os usos e os significados do vocabulário em LP em diferentes contextos linguísticos. Nesse sentido, muitos surdos têm consciência da existência da variação linguística na L2, eles sabem que alguns vocábulos são próprios de determinadas situações linguísticas e também de que alguns grupos sociais possuem suas próprias gírias, por exemplo. Para Trask (2004, p. 124), em seu Dicionário de Linguagem e Linguística, a gíria é “uma forma linguística informal” e “as expressões de gíria costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular” e dessa forma, as gírias podem servir como uma marca de identidade. Na conversa 1, o participante P1 informa que a grafia de determinada palavra não está correta e P13 acata e a substitui pela grafia na forma padrão da L2 e, para reforçar, P3 escreve que se trata de uma gíria.

Na conversa 2, o participante P7 pergunta qual o significado da expressão “dou bola”, pois na tradução literal para Libras seria “dar a bola para alguém”, ou seja, alcançar o objeto para outra pessoa. Por sua vez, P16 mostra em sua resposta explicativa que ele tem consciência do significado da expressão e que significa “não dar atenção”. Por fim, na conversa 3, o participante P2 não conhece a palavra “sora”, pergunta se é uma gíria e P13 além de escrever o significado, ainda explica, detalhadamente, desmembrando-a em partes para que P2 possa visualizar e compreender sua formação. Já P13 explica que a grafia permite economizar o espaço ou o tempo necessários para a escrita de uma palavra, mediante a omissão de certas letras. O interessante nessa interação é que os surdos reconhecem as variações linguísticas e tentam exemplificá-las, claramente, na LP escrita.

De modo a apresentar o código Recursos do *Whatsapp* (RW) com 507 mensagens, sendo esse o segundo código de maior incidência, a seguir, são apresentados 03 quadros sobre o referido código, contendo excertos ilustrativos para cada categoria. No que se refere aos excertos de mensagens

apresentadas no Quadro 4: Código Recursos do *Whatsapp* (RW), apresenta-se a categoria, Texto Escrito em LP (TELP).

Quadro 4: Excertos categorizados como TELP

Código – Estratégias Linguísticas (EL)	Quant. De incidência do Código: 25
Categoria – Texto Escrito em Língua Portuguesa (TELP)	Mês/Ano/Conversa
<p>P1: O WhatsApp me ajudou muito, as vezes eu tenho muita dúvida, é daí eu sempre pergunto aqui no grupo, porque quero crescer mais a conhecer as palavras novas</p> <p>P2: Tbm o corretor me ajuda a escrever palavra correta</p> <p>P4: O whats me ajudou muito porque aprendi as palavras novas também amo que conversar com gente. As vezes eu escrevi errado ou correto. Principalmente que eu gosto mais ler o livro também assisti seriados e novela por que tem muito as palavras que eu não conheci.</p>	MAI/2018/ Conversa 1
<p>P3: Quero fazer uma pergunta ok! Se rede social não estivesse (orkut, msn, face, instagam e whats) somente celular torpedos como fosse SMS que vcs vão aprender muito português? Ou vão fazer algo coisa???</p> <p>P3: Seria ajuda muito?</p> <p>P3: Fico no aguardo.</p> <p>P1: Para mim seria ajuda muito sim, é ler os livros todos os dias</p> <p>P3: Ah é? Se vc ler todos os dias?</p> <p>P3: Porque eu sei que maioria não ler os livros é normal!!! Ah só falta a vontade de verdade!</p> <p>P15: Eu conheci as palavras novas, e frases através de whatsapp, principalmente quando conversei com ouvintes. Mas acho que o livro ajuda muito para aprender escrever correta e conhecer vocabulário</p>	MAI/2018/ Conversa 2
<p>P14: Qual usam mais vezes? É qual rede social mais usa?</p> <p>P4: Eu uso mais os dois porque WhatsApp me ajuda muito para eu aprendo escrever de português. O face só me informa é mais importante e tipo que faculdade, trabalho e tenho um grupo de concurso para troca de opinião.</p> <p>P3: Comunico com pessoal pelo rede social whatsapp tipo eu comunico com chefia, liderança e equipe. É isso me ajudam muito! Equipe sabem que eu sou surdo e minha língua de Libras primeiro do que segundo português! Eles entendem porém as vezes eles corrigem as minhas frases oq eu escrevo e comunico.</p> <p>P3: Eu uso muito formal pelo email</p> <p>P3: Vale a pena muito sim</p>	JAN/2018/ Conversa 3

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* da pesquisa

Na conversa 1, ocorre troca de mensagens sobre a facilitação que o aplicativo proporcionou aos surdos em relação à escrita da LP escrita. Nessa interação via *Whatsapp* nota-se que os participantes P1; P2 e P4 se preocupam em escrever corretamente e revelam a importância do aplicativo neste processo de compreensão do sistema linguístico da LP, mesmo que em caráter interacional informal, via recurso tecnológico. De acordo Goettert (2019, p.127), a busca pela “escrita correta tem ocorrido dentro dos grupos de usuários surdos do *Whatsapp*”. Em consonância com Goettert (2019), Santos (2018, p. 242) afirma que “o aplicativo *Whatsapp* traz uma imensa contribuição para o ensino de LP pelo fato de ser possível compartilhar os mais variados tipos e gêneros textuais de diversas formas”. Os participantes,

além de revelar o desejo de aprender a LP, salientam que o uso do corretor ortográfico do aplicativo facilita a tomada de consciência sobre a grafia de determinadas palavras em LP, muito embora saibamos que esse não assegure a plena correção de todo o léxico da LP. Já na conversa 2, os participantes reforçam a importância do *Whatsapp* para a aquisição de vocabulário novo, principalmente, na interação com ouvintes e a necessidade da leitura de outros materiais como livros para a ampliação de léxico em L2. Conforme Lima (2003), o léxico de uma língua tem papel fundamental nas relações comunicativas entre usuários. O P15 diz que o *Whatsapp* propiciou a ele o conhecimento de novas palavras e estruturas frasais.

Na conversa 3, por sua vez, os participantes abordam o fato de que redes sociais e o aplicativo *Whatsapp* permitem a interação com outras pessoas, fazendo com que os surdos se aproximem mais dos ouvintes e, desta forma, sintam-se encorajados a escrever em L2. O P3 enfatiza que é preciso ter a consciência de sua condição bilíngue, a fim de compreender que sua escrita é resultado da alternância das duas línguas envolvidas na construção de seus enunciados. Goettert (2019, p. 127) afirma que uma das bandeiras dos movimentos surdos é justamente o entendimento da perspectiva bilíngue dos surdos, pois “na comunicação entre pessoas que utilizam línguas diferentes é necessário atentar-se a como serão compreendidas as informações”. Desta forma, o aplicativo em questão torna possível a interação e a colaboração entre as pessoas que utilizam línguas de modalidades diferentes. Outra categoria de análises dentro do código de Recursos do *Whatsapp* são os vídeos sinalizados em Libras.

No que concerne aos excertos de mensagens apresentadas no Quadro 5, diante do código Recursos do *Whatsapp* (RW), apresenta-se a categoria criada, Vídeos Sinalizados em Libras (VSLB).

Quadro 5: Excertos categorizados como VSLB

Código - Recursos do <i>Whatsapp</i> (RW)	Quant. de incidência do código: 72
Categoria - Vídeos Sinalizados em Libras (VSLB)	Mês/Ano/Conversa
<p>P4: Esse texto pra resumo pq não precisa repente. Seu texto repente parece dois vezes ou três vezes a frase igual.</p> <p>P4: Se quer falar com colegas é melhor mandar o vídeo pra aqui.</p> <p>P4: Entende que tu queria falar...</p>	NOV/2017/Conversa 1
<p>P9: O q eh prática??</p> <p>P1: Mando vídeo</p>	JUN/2017/ Conversa 2
<p>P2: Eu nao sinto bem para namorar ctg</p> <p>P2: Ou</p> <p>P1: Sim mas queria usar outra palavra</p> <p>P1: Vejam o meu vídeo aí <Arquivo de mídia MP4 oculto></p> <p>P2: Eu entendi</p> <p>P1: <Arquivo de mídia MP4 oculto></p> <p>P2: Eu entendo, mas essa palavra não combina</p> <p>P1: Olha vídeo aí.</p>	AGO/2017/ Conversa 3

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* da pesquisa

Tendo em vista o recurso de gravação de vídeos, suportado pelo aplicativo *Whatsapp*, os surdos compartilharam vídeos em Libras durante as trocas de mensagens apresentadas no Quadro 6. Esses vídeos tiveram por objetivo esclarecer em Libras (L1) questões que, explicadas em LP escrita (L2), não haviam sido totalmente compreendidas. Infere-se que os vídeos facilitam o processo de compreensão das línguas envolvidas, tornando-o mais interativo, colaborativo e dinâmico, o que possibilita a ampliação dos conhecimentos em L2 a partir da L1. Na conversa 1, o uso de vídeo em Libras revelou a potencialização do entendimento da LP, a fim de esclarecer o que se pretendia informar em L2 para o desenvolvimento da compreensão interpretativa. De acordo com Goettert (2019, p. 134), a busca pela informação visual e pela valorização da Libras na comunicação dos surdos e no conhecimento da LP escrita faz com que os surdos interajam “usando diferentes modalidades (escrita e sinais) com suporte das tecnologias digitais”. Neste horizonte, Quadros (2017, p. 39) infere que “a língua de sinais significa a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e representa muito mais que a construção linguística, pois as formas de significar o mundo por meio de experiências visuais são mais relevantes”. Neste sentido, as conversas 2 e 3 mostram que com o uso dos vídeos torna-se mais rápido e mais fácil transmitir em Libras, esclarecimentos para os questionamentos de P9 e P2. Por fim, o Quadro 6 deixa evidente que “apesar de os surdos reconhecerem a necessidade de aprender a escrever português, há a preferência pela comunicação em vídeo, em que podem expressar-se livremente”, uma vez que “a escrita demanda que busquem palavras em sua L2, o que, em alguns momentos, é um elemento limitador”, fazendo-os optarem pelo uso do vídeo em L1 (GOETTERT, 2019, p.133).

No que diz respeito aos excertos de mensagens apresentadas no Quadro 6: Código Recursos do *Whatsapp* (RW) apresenta-se a categoria *Emojis* (E).

Quadro 6: Excertos categorizados como E

Código - Recursos do <i>Whatsapp</i> (RW)	Quant. de incidência do código: 410
Categoria – <i>Emojis</i> (E)	Mês/Ano/Conversa
<p>P2: Pq essa pergunta? 😊</p> <p>P7: 😊</p> <p>P14: É desafio 😊</p>	AGO/2017/ Conversa 01
<p>P16: Português é contrário para Libras</p> <p>P16: Sei que é estranho mas é assim</p> <p>P16: Kkkkkk</p> <p>P2: Vc empresta pra ele</p> <p>P2: Acho</p>	AGO/2017/ Conversa 02

<p>P2: Hahaha pseh é</p> <p>P14: Kkkk complicado 🤔👦♂</p> <p>P14: 🖐</p> <p>P14: Pesq, pode emprestar o seu carro? 😊</p> <p>PESQ: Kkkk</p> <p>PESQ: Não posso</p> <p>PESQ: Te empresto minha bicicleta</p> <p>P14: 😊</p> <p>P14: Não obrigado 😊😊</p> <p>P14: Entendi agora 🖐</p>	
<p>PESQ: Sim</p> <p>P18: Entendi</p> <p>P18: Thanks you</p> <p>P18: 🙌🙌🙌😊</p>	JAN/2018/ Conversa 3

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus* da pesquisa

Durante a Análise de Conteúdo (AC) realizada nesta pesquisa uma categoria que emergiu do *corpus* de pesquisa foi a de *Emojis*, também denominados *emoticons* ou *smiley*, foram usados com expressividade nas trocas de mensagens dos surdos participantes do grupo pesquisado. De acordo Sousa e Oliveira (2018, p. 1359), “no que tange à concepção de texto visual [...] as imagens suportam significações que são concebidas a partir da interação imagem/leitor/contexto”. Os *emojis* permitem a comunicação sem o uso de palavras e conforme Ribeiro (2009, p. 590), os *emojis* podem fazer “as vezes da expressão facial ou do tom de voz (raiva, alegria, carinho, etc.)”.

Tendo em mente a constituição visuoespacial da Libras, é possível relacionar o uso de *emojis*, enquanto símbolos imagéticos, às diferentes formas das expressões não manuais (QUADROS, KARNOPP, 2004) - que exercem papel relevante na comunicação em línguas de sinais. Este aspecto é referido por Goettert (2019, p. 137) quando o autor diz que “os surdos, por sua percepção visual, encontram nos símbolos maior identificação”. Ainda sob o viés em questão, Souza e Oliveira (2018) esclarecem que os estudos da cultura visual são importantes no ensino de uma língua, para fins de uma formação crítica, aspecto que pode possibilitar a reflexão e o engajamento dos sujeitos com algum tipo de visualidade. Portanto, o visual se constitui como texto em que se produz sentido, como constatado nas postagens do Quadro 6, por meio de *emojis*. As conversas 1 e 2 apresentam interações em que aparecem *emojis* para enfatizar uma palavra ou um sentimento expresso pelos participantes. Na conversa 3, os *emojis* expressam um sentimento, (CRYSTAL, 2005), a saber, pelo fato de que P18 utilizou um *emoji* que representa, fidedignamente, o sinal de eu te amo em Libras. E este sinal é muito usado entre os surdos e por ouvintes que convivem com a comunidade surda usuária de Libras. O sinal adotado representa uma

forma de expressar carinho em relação às pessoas e reforça um sentimento de satisfação e gratidão. Na próxima seção são apresentadas as considerações finais da presente pesquisa.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar como um grupo composto por sujeitos surdos utilizou o aplicativo *Whatsapp* durante o período de um ano (2017-2018), com vistas a se beneficiarem dos recursos digitais desta tecnologia digital, quando da troca de mensagens instantâneas sobre dúvidas, curiosidades e dificuldades relativas à compreensão do sistema linguístico da Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita, enquanto segunda língua (L2) dos participantes surdos. Por meio da técnica de Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2011) e com o auxílio do *software* Atlas Ti foi possível constatar, a partir do *corpus* de pesquisa, composto por 6.014 mensagens, a emergência de dois principais códigos de maior incidência e semelhança semântica, sendo esses Estratégias Linguísticas (EL) com 2.594 incidências e Recursos do *Whatsapp* (RW) com 507 incidências.

No código Estratégias Linguísticas (EL) foram identificadas 03 categorias. Na categoria Ampliação do Léxico (930 incidências) foi possível constatar que os participantes surdos são influenciados pela estrutura de sua L1 para exemplificar palavras e frases em LP (L2). Verificou-se também que os surdos que, possivelmente, apresentam maior proficiência em LP são “chamados” a contribuir no grupo, aspecto que revela a valorização entre pares e o interesse em apropriar-se de uma L2 de forma coerente (GOETTERT, 2019). Já quanto à categoria de Estrutura Morfossintática (1350 incidências), observou-se que os participantes surdos são colaborativos quando do surgimento de dúvidas que demandam uma compreensão mais aprofundada do ponto de vista da estrutura morfossintática da LP. Deste modo, o *Whatsapp* configura-se como um espaço digital legítimo para trocas de questionamentos e de esclarecimentos entre sujeitos usuários de uma mesma língua visuoespacial (a Libras), como L1, sobre a estrutura sintática da LP (CLAUDIO, 2019). A colaboração aponta para o efetivo interesse em querer compreender e usar a LP para construir enunciados sintaticamente corretos. Outra categoria emergente foi a de Variação Linguística (314 incidências) que, por sua vez, deixou evidente dúvidas associadas à utilização da norma padrão e o quão correta sua aplicação se faz em determinados contextos (TRASK, 2004). Essa categoria também revelou o quanto os sujeitos surdos estão preocupados em compreender e usar a LP escrita, respeitando sua correta aplicação aos diferentes contextos e situações em que essa circula.

No código Recursos *Whatsapp* também foram constatadas 03 categorias. Na categoria Texto Escrito em Língua Portuguesa (25 incidências) constatou-se que o aplicativo *Whatsapp*, enquanto uma Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC) tem potencial para fomentar as trocas de

mensagens em LP, na medida em que é possível conhecer novos itens lexicais, tirar proveito das indicações para correções ortográficas, feitas pelo corretor ortográfico do *Whatsapp*, assim como um maior contato com sujeitos ouvintes e, por consequência, maior aproximação entre as línguas envolvidas nessas trocas comunicativas (Libras e Língua Portuguesa) (GOETTERT, 2019; CLAUDIO, 2019). As mensagens analisadas nesta categoria deixaram evidente que os surdos têm consciência de sua condição bilíngue (KARNOPP, 2005; QUADROS, 2017) e que mais do que por imposição, desejam compreender de modo expressivo o uso da LP escrita, seja para fins sociais ou profissionais.

Na categoria Vídeos Sinalizados em Língua Brasileira de Sinais (72 incidências) identificou-se a adesão pelo recurso de gravação de vídeos em Libras, haja vista que vídeos comportam o caráter visuoespacial da Libras, para fins comunicacionais na L1 dos participantes de pesquisa (GOETTERT, 2019; KRUSSER, 2019). E a utilização da Libras, como L1, visava a dissolver dificuldades em expressar-se em LP para efetivar determinada explicação ou compreensão. Neste horizonte, o *Whatsapp* mostrou-se como um recurso tecnológico que contempla a demanda por vídeos curtos e gravados via dispositivos móveis do tipo *smartphone* ou *tablet* (GOETTERT, 2019), os quais integram o cotidiano de sujeitos surdos e ouvintes na sociedade contemporânea. No que tange à categoria *Emojis* (410 incidências) averiguou-se que esses símbolos imagéticos são adotados com frequência, posto seu caráter visual de expressão carrega em si a ideia de expressões faciais diversas, que na Libras tem papel importante, bem como a possibilidade de representar sentimentos como alegria, tristeza, euforia, raiva, etc. Percebeu-se também, ao longo da pesquisa, que alguns *emojis* podem ser mais expressivos, como, por exemplo, o *emoji* que representa o sinal de “eu te amo”. Os *emojis* foram vistos como artefatos pertencentes à cultura visual, que servem para expressar aspectos emocionais carregados de subjetividade (RIBEIRO, 2009; CRYSTAL, 2005), dependendo da função de iniciar, continuar ou finalizar uma troca de mensagens entre os participantes surdos do grupo em LP escrita.

Do ponto de vista da pesquisa conduzida, sob o recorte metodológico proposto neste estudo, cabe ressaltar, que ao fazer uso do *Whatsapp* os surdos mostram-se interessados em galgar êxito na compreensão da LP como L2, no entanto, também deixaram evidente a valorização da Libras enquanto L1, aspecto que sob o olhar dos autores deste artigo é legítimo e coerente. Uma vez que a condição bilíngue dos surdos é potencializada pelo aplicativo *Whatsapp*, sem que esses tenham que silenciar sua L1, a fim de privilegiar a LP enquanto L2. O fato de o aplicativo *Whatsapp* ser gratuito e apenas demandar conectividade com a internet mostrou-se como um fator de equidade social, o que acaba por colocar os sujeitos surdos em cena na era digital. Em estudos futuros pretende-se investigar a validade do aplicativo *Whatsapp* em sala de aula presencial para o registro e a interação com o professor sobre dúvidas em L2 escrita, quando da leitura de textos e apreciação de novo vocabulário.

Referências

- ALENCAR, G.A.; PESSOA, M.S.; SANTOS, A.K.F.S.; CARVALHO, S.R.R.; LIMA, H.A.B. 2015. Whatsapp como ferramenta de apoio ao ensino. In: ANAIS dos Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE), São Paulo, p. 787- 795.
- ARAÚJO, P.C.; BOTTENTUIT JUNIOR, J.B. 2015. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia. *Temática*. Ano. XI, n.2, p. 11-23. Disponível online em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BARDIN, L. 2011. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BOLTRINI, K.C.F.T. 2017. As potencialidades dos aplicativos Whatsapp e Imo para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado. Disponível online em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2219/1/2017>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- BRASIL, 2002. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 10 abr. 2019.
- _____, 2005. Decreto nº 5626/05. Regulamenta a Lei 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. [on-line]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 10 abr. 2019.
- _____, 2019. Decreto nº 9.465/19. Art. 35. Sobre as políticas de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57633286. Acesso em 19 abr. 2019.
- CLAUDIO, Janaina Pereira. 2019. A construção comunicativa digital dos sujeitos comunicantes surdos: estratégias metodológicas. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, p. 1157-175.
- CORREA, Jane. 2005. A Avaliação da Consciência Morfossintática na Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), p. 91-97.
- CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). 2019. *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, 188p.
- CORREIA, Margarita. 2011. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A.C.; PEREIRA, M.T.G. (Org.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 223-237.
- CRYSTAL, David. 2005. *A Revolução da Linguagem*. Tradução: Ricardo Quintana; Yone Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. 2008. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, C. C. & SIMÕES, D. (Org.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa.
- GIORDANI, Liliane Ferrari. 2015. Encontros e desencontros da língua escrita. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 392p.
- GOETTERT, Nelson. 2019. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, p. 125-142.
- KARNOPP, Lodenir B. 2005. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação.

- _____, Lodenir B. 2015. Práticas de leitura e escrita entre os surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 392p.
- KRUSSER, Renata. 2019. Tecnologia e design para facilitar a leitura em língua brasileira de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais. Porto Alegre: Penso, p. 57-77.
- LAGE, Maria Campos. 2011. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. Educação temática Digital, Campinas, v.12, n. esp., p. 198-226, mar.
- LEBEDEFF, Tatiana B. 2017. Letramento visual e surdez. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. Rio de Janeiro: Wak Editora, p. 226-251.
- LIMA, Heloisa Maria Moreira [et al]. 2003. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2v.
- LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia. 2015. Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 392p.
- LODI, A. C. B.; BORTOLOTTI, E. C.; CAVALMORETI, M. J. Z. 2014. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas línguas/ culturas. Bakhtiniana, Revista estud. Discurso. São Paulo, 9 (2): 131- 149, ago/dez.
- MÜLLER, Janete. 2016. Língua Portuguesa na educação escolar bilíngue de surdos. 2016. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 295 f.
- NAGAMINI, E. 2017. O uso do aplicativo Whatsapp: tempo de escrita/oralidade de alunos do ensino fundamental. In: ANAIS do Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba. p. 01-16.
- OLIVEIRA, A.S. 2007. Smartphones e trabalho imaterial: uma etnografia virtual sobre sujeitos usuários de dispositivos móveis convergentes. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível online em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12142>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- PAIVA, L.F.; FERREIRA, A.C.C.; CORLETT, E.F. 2016. A utilização do Whatsapp como ferramenta para comunicação didática pedagógica no ensino superior. In: ANAIS do Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE), Uberlândia. p. 751-760.
- PEREIRA, M. C. da C.; KARNOPP, L. B. 2003. Leitura e surdez. Letras Hoje, Porto Alegre, v. 39, n.3, p. 165-177, set.
- POWER, Mary R.; POWER, D; HORSTMANSHOF, Louise. 2006. Deaf People Communicating via SMS, TTY, Relay Service, Fax, and Computers in Australia. The Journal of Deaf Studies and Deaf Education, Volume 12, n.1, p. 80-92.
- QUADROS, Ronice Müller de. 2019. Tecnologias para o estabelecimento de documentação de língua de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais. Porto Alegre: Penso, p. 1-25.
- _____. Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais. 2017. Porto Alegre: Penso, p.264.
- _____. O “BI” em bilinguismo na educação de surdos. 2015. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 392p.
- _____. O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas. 1998. Revista Espaço. INES.
- QUADROS, Ronice; KARNOPP, L. B. 2004. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed.
- RIBEIRO, Ana Elisa. 2009. Seis clichês e uma sugestão sobre a leitura na web. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 585-602, set./dez.

- SABOIA, J.; VARGAS, P.L.; VIVA, M.A.A. 2013. O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual. *Revista CESUCA Virtual: conhecimento sem fronteiras*. v.1, n.1, p. 1-18. Disponível online em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/cesucavirtual>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- SAITO, Daniela S; PIVETTA, Elisa Maria. 2019. Framework Términus: comunidades de prática virtuais como apoio ao desenvolvimento de neologismos terminológicos em língua de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, p. 79-94.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. 2013. *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- SANTANA, Ana Paula. 2007. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus.
- SANTOS, Israel Ferreira. 2018. O aplicativo Whatsapp no ensino de língua portuguesa. In *Anais do III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação*. João Batista Bottentuit Junior (Org.). Faculdade de Educação São Luís.
- SOUSA, Francisca de F. de Lima Sousa; OLIVEIRA, Selma Maria de Brito Cardoso. 2018. Whatsapp em práticas de compreensão auditiva para o desenvolvimento do letramento multimodal. In *Anais do III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação*. João Batista Bottentuit Junior (Org.) Faculdade de Educação São Luís.
- SOUZA, J.L.A.; ARAÚJO, D. C.; PAULA, D.A. 2015. Mídia social Whatsapp: uma análise sobre as interações sociais. *Alterjor*. Ano. 6, n.1, p. 131-165. Disponível online em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- TANZI NETO, Adolfo. 2018. Design de Ambientes Virtuais de Aprendizagem para práticas multiletradas: idealização, concepção e forma. *The Specialist*, 39.3: 1-20. São Paulo.
- TARTUCI, Dulcéria. 2015. A Educação Bilíngue e o acesso à Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil. *Revista Espaço 44*, Rio de Janeiro: INES, jul/dez, p. 47-66.
- TRASK, R. L. 2004. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 368p.